

Shawn Stein
Associate Professor of Spanish and Portuguese
Modern Languages
Washington College
Chestertown, MD 21620
USA

Tel. 1 (410) 810-5772
E-mail: sstein2@washcoll.edu

II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE FUTEBOL 2014

Comunicação individual: “Reivindicação e vanguarda: a mulher na ficção de futebol latino-americana”

Palavras chaves: Ficção, mulheres, discriminação e misoginia

BREVE NOTA BIO-BIBLIOGRÁFICA:

- Professor Associado de Letras em Washington College, Chestertown, Maryland, EUA
- Áreas de pesquisa: ficção futebolística, sátira, estudos de gênero e cinema

REIVINDICAÇÃO E VANGUARDA

O futebol teve uma crescente presença nas sociedades latino-americanas após as primeiras transmissões de jogos profissionais nos anos trinta do século XX. Apesar da escrita futebolística de grandes autores latino-americanos como Roberto Arlt, Horacio Quiroga, Juan Parra del Riego, Antônio de Alcântara Machado, Olavo Bilac e Monteiro Lobato, o receio expressado publicamente por eminentes intelectuais como Lima Barreto, Graciliano Ramos, Julio Herrera y Reissig, Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares em grande parte gerou um atraso da entrada do jogo e o espetáculo de futebol ao âmbito da produção literária. Nas últimas décadas do século vinte houve uma mudança artística que ajudou a legitimar a inclusão de elementos da cultura popular - como o futebol - na chamada “alta” literatura. Isto abriu caminho para um aumento inorme na presença de temas futebolísticos e tramas guiadas pelo futebol na ficção brasileira e latino-americana, particularmente desde a década de 1980. Alguns dos mais reconhecidos autores latino-americanos de ficção futebolística são Roberto Fontanarrosa, Osvaldo Soriano, Eduardo Sacheri, Mario Benedetti, Roberto Bolaño, Sérgio Sant’Anna, Edilberto Coutinho, Juan Villoro, Carlos Abín e Edmundo Paz Soldán. Embora o desenvolvimento de estudos culturais ajudou a arrancar as raízes dos cânones tradicionais, o estudo da ficção de futebol ainda reside nas relativas margens da crítica literária. Ter receio do estigma relacionado a escrever literatura que se organiza em torno ao futebol é um fenômeno que ainda assusta alguns autores. Portanto, é natural que a ficção focada na experiência feminina no futebol esteja ainda mais nas margens.

O futebol é uma forma de diálogo intercultural que não só transcende as fronteiras de geopolítica, classe social e etnia, mas também de sexualidade e gênero. Embora atualmente a denominação de qualquer literatura como “feminina” possa parecer uma noção antiquada ou controversa, ainda se utiliza esta categoria em muitas partes da América Latina e, no caso do emergente gênero literário da ficção futebolística, uma classificação de acordo com o gênero é sumamente relevante. A participação feminina no futebol tem uma longa história de segregação e discriminação, e portanto este gênero oferece uma excelente fonte de análise sobre a formação de novas éticas e práticas sociais enquanto as mulheres se aproximam mais ao esporte, tanto dentro quanto fora de

campo. A ficção feminina de futebol - por assim denominar a ficção que se escreve por, e sobre a participação de, mulheres no futebol - documenta, como também às vezes demanda, a integração das mulheres ao esporte.

Embora as mudanças culturais nos últimos cinquenta anos tem promovido a igualdade de gênero ao oferecer mais poder profissional, econômico, político e sexual às mulheres, em muitos outros países da América Latina, a cultura patriarcal ainda domina certos âmbitos, o qual gera práticas de discriminação, misoginia e homofobia em arenas sociais como o futebol. Existem claras tensões entre as diversas tentativas de participação feminina no futebol. Uma distinção essencial se apresenta entre integração ao espetáculo da cultura dominante (o futebol masculino) e prática do esporte feminino. Embora existam anedotas de jogadoras de futebol em muitos países na América Latina que podem ser traçadas até o final do século XIX, a trajetória para uma verdadeira legitimação do jogo feminino é um fenômeno que ainda está em processo. No mundo inteiro, o futebol feminino continua numa fase de pleno subdesenvolvimento. Em grande parte, o atual subdesenvolvimento do futebol feminino é o legado de décadas de campanhas de proibição da prática do futebol feminino em muitas partes do mundo por diferentes governos e também por órgãos futebolísticos, particularmente The English Football Association que manteve uma proibição entre 1921 e 1971 (Grainey 2434). A proibição britânica deu força a outras legislações no mundo inteiro. Por exemplo, em “Futebol Feminino” do *Atlas do Esporte no Brasil*, Marcia Morel e José Geraldo C. Salles glosam um dos casos mais chamativos de proibição na América Latina em 1941 quando o Conselho Nacional dos Desportos do Estado Novo de Getúlio Vargas no Brasil criou o Decreto Lei 3199:

inspirada por recomendações médicas higienistas, à época: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. O Decreto só foi regulamentado em 1965 pelo Conselho Nacional de Desportos, que através da Deliberação 7, estipula: “Não é permitida a prática feminina de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e baseball”. (Morel e Salles)

Em termos globais, a prática de futebol feminino era clandestino ou informal durante uma grande parte do século XX. É notável que enquanto a primeira Copa do Mundo de futebol masculino ocorreu no Uruguai em 1930, a primeira Copa do Mundo oficial de futebol feminino só aconteceu em 1991, na China. Portanto, na produção cultural latino-americana a presença do futebol feminino é drasticamente menor que a presença da participação feminina no futebol masculino.

Embora as novas percepções de gênero já chegaram a muitos setores sociais ao longo do continente, o futebol, em quase todos os países da América Latina, é uma arena que ainda retém a reputação de ser de “machos”, um esporte de homens que só nas últimas décadas tem começado a aceitar que participem as mulheres, como torcedoras, jogadoras, técnicas, juízas e jornalistas. E, mais recentemente, também como escritoras. Sem dúvida, a dialética de desigualdade de gênero nos esportes é um fenômeno que transcende o futebol. Os sistemas tradicionais de poder promovem feminilidades e masculinidades heteronormativas que protegem o privilégio masculino e incitam práticas de controle e exclusão de mulheres de esferas como o futebol. Como afirma María Graciela Rodríguez:

What is beyond doubt is that in the process of appropriating the ground, women find themselves laying claim to their ability to experience a pleasure traditionally forbidden to them (O que não tem dúvida é que no processo de apropriar o campo de jogo, as mulheres se encontram reivindicando a sua habilidade de vivenciar um prazer que foi tradicionalmente vedado para elas). (235)

Pouco a pouco, o futebol como jogo e espetáculo esportivo, está se transformando em um fenômeno mais inclusivo, menos homofóbico e mais heterosocial. Como afirma Rodríguez, o futebol como campo social está sendo recuperado pelas mulheres. Para esclarecer, a ficção feminina de futebol é aquela que contempla o futebol masculino com um olhar feminino ou que articula a participação ativa ou passiva de mulheres no futebol (feminino ou masculino). Nos âmbitos futebolísticos, as tendências machistas (a exageração, a agressividade e outras tentativas de demonstrar superioridade) e as rígidas expectativas de papéis de gênero têm a capacidade de fortalecer comportamentos negativos que obedecem uma lógica patriarcal. Por exemplo, os momentos de brutalidade

ou violência irracional dentro ou fora dos campos de jogo, os sentimentos tribais ou bélicos, a paixão desenfreada ou o culto cego aos resultados são todos resultados hegemônicos do espetáculo corporativo do futebol profissional. Muitas destas tendências apresentam possíveis incompatibilidades com o tipo de participação feminina no futebol que poderia levar o jogo para um caminho emancipador e por isso esta comunicação procura responder a algumas das seguintes perguntas: 1) Existe ficção que retrata a maneira em que as mulheres enfrentam as atitudes depreciativas e discriminatórias contra a sua participação no futebol? e 2) Aparecerá na literatura o retrato de um autêntico ethos feminino no futebol? O foco desta comunicação é esquadrihar como representações diversas deste gênero respondem às perguntas sobre o futebol como veículo para fortalecer ou reprimir as mulheres.

A mais chamativa ficção que se organiza em torno ao futebol retrata a condição humana, as relações interpessoais e as consequências históricas, tanto trágicas como unificadoras, geradas pelas tentativas de conseguir uma coesão social através da apropriação do futebol. Existem excelentes autoras de ficção futebolística como Inés Fernández Moreno, Luisa Valenzuela e Clara Arreguy entre outras, que retratam o futebol masculino quase sem marcação feminina. Por outro lado, alguns dos melhores contos sobre o jogo feminino são escritos por autores como Julián Urman e Rodolfo Braceli que narram com vozes travestidas de mulheres, mas um dos objetivos desta leitura é manter as mulheres em primeiro plano.

SEGREGAÇÃO

Até o momento, a grande maioria da ficção futebolística feminina que descobri cabe dentro desta primeira categoria, a qual se foca menos em articular a participação integral das mulheres no esporte feminino e mais em dar sentido à experiência feminina no espetáculo masculino desde uma perspectiva alienígena de mãe, esposa, filha ou irmã de torcedores e jogadores que lidam com uma convivência – muitas vezes tumultuosa - com o mundo futebolístico.

Este tipo de convivência conflitiva é exemplificada pela maioria dos 26 contos que

compreendem a antologia - *Mujeres con pelotas: cuentos inspirados en el fútbol* (2010). A imagem castradora que aparece na capa desta antologia é reveladora. Muitos destes contos reforçam mentalidades tradicionalistas e preconceitos contra a inclusão da mulher no futebol ao retratar a presença feminina no futebol como alienígena e o interesse feminino no futebol masculino como superficial ou desleal. As personagens femininas desta categoria só têm duas opções: resistir ou se juntar. Constroem-se os ciclos viciosos de uma participação feminina dividida e um pouco perdida na tradução. As personagens deste tipo de conto são como imigrantes não aculturadas. São mulheres sofridas que ou aguentam, ou não, o ambiente opressivo do futebol e as paixões futebolísticas dos homens nas suas vidas. A paixão masculina pelo futebol se apresenta quase como uma infidelidade matrimonial. As personagens nestes contos são mulheres que aceitam ser vencidas e resolvem fugir do mundo futebolístico ou conviver com ele de jeito analfabeto, num estado de desapego, resignação ou indiferença. Alguns destes contos criam personagens que até conseguem desfrutar de alguns aspectos ornamentais do espetáculo como são o corpo masculino ou as interações sociais mas a chave é que as experiências femininas não têm agência futebolística. Com frequência este tipo de conto articula as tensões silenciosas que se manifestam através de divisões tradicionais de gênero e a dicotomia de tais binômios proscritos como fanatismo masculino e desinteresse feminino. Neste paradigma, os homens são pouco conscientes e as mulheres simplesmente tentam navegar um sistema de valores bárbaro. Isto se nota bem no conto “El campeón del Atlantic Sportmen” de Irma Verolín: “Mi abuelo fue un fanático del fútbol hasta su vejez y las mujeres heredamos de mi abuela la aversión a cualquier clase de deporte (Meu avô foi um torcedor de futebol até a velhice e nós mulheres herdamos da minha avó a aversão a qualquer tipo de esporte)” (190). Outro excelente exemplo deste tipo de narração é “Que horas são?” de Edla Van Steen, que transforma em ficção uma história trágica de uma mulher que tem estorvadas fantasias de assassinar seu marido, um ex-jogador de futebol profissional que não se adapta à vida depois de se aposentar do jogo. A contemplação do crime inscreve uma retórica carregada de vingança contra os maus do futebol:

Pegaria aquele pescoço enrugado, enroscaria bem enroscado, passaria a faca afiada muito devagar até... a cabeça rolar no chão. Pelas ações da

Bolsa, pela sua castração amorosa e profissional, pelas vagabundas com quem andou, pela debilidade atual, sabe o que faria? Ela chutaria aquela cabeça em gol: na lata do lixo. (144)

Sentimentos violentos de frustração são muito comuns nos contos desta índole quase extraterrestre onde se articulam os abismos ancestrais que dificultam a comunicação entre gêneros no terreno de futebol - os homens querem jogar, assistir e falar do futebol mas isto não funciona com as mulheres. Quando as mulheres ousam falar do futebol, os homens sobem o volume da televisão ou do rádio. Desta maneira, não só tentam excluí-las mas também privá-las do acesso ao conhecimento futebolístico e assim perpetuam um estado de segregação, ou se exiliam totalmente do futebol ou residem num terreno estranho e alienígena.

IGUALDADE COM SEPARAÇÃO

Está surgindo uma nova tendência de personagens femininos na ficção que desafiam os retratos tradicionalistas e estereotipados de segregação. Neste tipo de conto mais progressivo, as mulheres se apresentam como invasoras cujo fanatismo excepcional reivindica a discriminação e ameaça a ordem estabelecida ao presenciar o futebol de maneira equivalente ou superior à dos homens.

“Tiempo cumplido” da argentina Mabel Pagano e “A bicicleta de Neto” do brasileiro João Nunes são obras desta índole. Ao apresentar casais heterossexuais que apoiam times rivais, onde a mulher é mais doente que o homem, estes contos pintam as torcedoras como uma invasoras à hegemonia futebolística. Neste caso, o fanatismo feminino compete com o dos personagens masculinos e portanto ameaça mudar o equilíbrio do ecossistema futebolístico, onde o habitat natural se retrata como hostil à introdução de mulheres competentes no futebol. Nestes dois contos, por exemplo, não existe a possibilidade de uma integração pacífica. Em “Tiempo cumplido”, a narradora, uma torcedora de Boca Juniors, se separa de seu marido, torcedor de River Plate, depois de um jogo entre estes dois times na Copa Libertadores de 2004. Em “A bicicleta de Neto”, o narrador conta sobre a separação de um casal depois de uma final entre o Corinthians e o Guarani. As duas separações retratam as rupturas silenciosas que podem se esfumar sem

palavras através de tensões dos relacionamentos humanos. Como os casais nestes contos torcem por times diferentes, a rivalidade futebolística acaba criando estilhas que inexoravelmente demolem a paixão romântica. Da mesma forma que se apresentam em alguns contos de segregação, as relações desequilibradas que as pessoas têm com o esporte também têm a capacidade de causar danos aos relacionamentos íntimos, mas pelo menos neste caso acontece de um jeito mais democrático - todos são doentes. A paixão e o fanatismo autênticos não são mais campos que só se associam com os homens. Os contos das invasoras têm a tendência de posicionar os homens contra as mulheres que acaba numa hermética separação depois do clímax do último apito.

Este tipo de escrita representa uma tendência literária mais inovadora. Contos por autoras (e autores) que não só captam a rejeição ou as transformações inexoráveis para a tolerância e, em alguns casos, aceitação e solidariedade com a obsessão dos homens nas suas vidas, como também a criação dos espaços limítrofes em que as mulheres (e os homens) navegam o processo de aculturação sem comprometer suas identidades naturais – são retratos verídicos da transformação da paisagem futebolística nestes dias.

CONVIVÊNCIA

Por fim, há uma última categoria de contos sobre o fanatismo feminino. É muito mais raro encontrar um conto deste tipo. Aqui as mulheres se apresentam como completamente aculturadas. Residentes permanentes do habitat do futebol, são mulheres futebolisticamente integrais que retratam caminhos verdadeiramente emancipadores para uma convivência igualitária e mais orgânica. Um conto deste tipo que se sobressai é “Un gol para Elsita” da argentina Mariela Ghenadenik.

A narradora de “Un gol para Elsita” é uma torcedora doente de Boca Juniors que sempre vai ao estádio para ver os jogos. As observações da experiência feminina dentro do estádio demonstram tendências misantrópicas. A narradora deprecia as mulheres jovens que se emperiquitam para ir ao estádio com mais interesse em chamar a atenção dos homens e das câmeras da mídia que para apoiar um dos times em campo. O olhar mediático das mulheres no futebol tem a tendência a apresentar estas imagens

tradicionais de feminilidade como se representassem as torcedoras mais autênticas, mesmo se faltam as características do que se considera um profundo respeito pelo esporte. Esta dinâmica cria uma desconexão entre a representação monolítica das mulheres no espetáculo de futebol que ignora a diversa variedade de mulheres que participam no futebol, das anti-futebolísticas até as guerreiras doentes que vão ao estádio em busca de igualdade de direitos. A narradora é uma mulher guerreira que, de certo modo, renuncia seu gênero no estádio para se distinguir das torcedoras que ela considera farsantes. Se veste com roupas masculinas e canta e pula como os homens, consciente de seus desejos de se distinguir do tipo de torcedora que ela considera inautêntica. O momento chave da narração acontece quando ela cria uma amizade com uma velha solitária, Elsita, que ela começa a notar frequentando o estádio sozinha. No começo, a narradora julga Elsita também, sem perceber que sua paixão se expressa de um jeito mais reservado e pessoal (não pula, nem canta), mas começa a perceber que Elsita observa os jogos com uma enorme intensidade. Tudo muda num jogo quando a narradora se aproxima a Elsita para salvá-la de uma briga violenta entre torcedores. A narradora ajuda Elsita a voltar à sua casa quase sem conversa. Em um outro dia, quando a narradora vê Elsita no supermercado onde ela trabalha, a leva de volta para sua casa de novo. Se estabelece uma relação de visitas até que a família de Elsita a interna. A narradora a visita, leva-lhe jornais e rádio e conta para ela sobre o progresso de Boca até um dia em que lhe ajuda a sair do sanatório para voltar à Bombonera. O conto de Ghenadenik demonstra o potencial unificador do futebol e a ternura que pode se gerar entre torcedoras. A empatia pelas paixões em comum demarca uma virtude esportiva independente que não depende do consentimento dos homens enquanto exige o respeito deles.

CONCLUSÃO

A ficção feminina de futebol representa um contínuo de feminilidade e de comportamento feminino dentro do mundo de futebol. O futuro da participação das mulheres no futebol claramente deve corresponder à promoção do esporte feminino. O futebol feminino ainda carece de difusão, infraestrutura e recursos - e também promoção cultural. Enquanto a maioria da ficção feminina de futebol retrata a participação das

mulheres no futebol masculino, eventualmente surgirá mais ficção que se centra no esporte feminino. Sem dúvida, a intensa atenção mediática em jogadoras estrelas como a Marta no Brasil ou a Maribel Domínguez no México promete novos caminhos.

A ficção futebolística feminina dialoga com os contínuos da feminilidade, do comportamento feminino e das relações homo e heterossociais dentro dos âmbitos de futebol. Como este subgênero literário oferece retratos pensativos de mulheres e homens percorrendo as fronteiras da integridade, da honra e do respeito, proporciona uma visão privilegiada da participação feminina no futebol. São contos por autoras (e autores) que não só capturam a rejeição das transformações inexoráveis à caminho da tolerância e, em alguns casos, aceitação e solidariedade com a obsessão dos homens relacionada ao futebol, mas também a criação de espaços fronteiriços em que as mulheres (e os homens) lidam com os novos etos futebolísticos.

REFERÊNCIAS

- Ghenadenik, Mariela. “Un gol para Elsita”. *De puntín*. Buenos Aires: Mondadori, 2008. Impresso.
- Grainey, Timothy F. *Beyond Bend it Like Beckham: The Global Phenomenon of Women’s Soccer*. Lincoln: U of Nebraska P, 2012. Kindle.
- Morel, Marcia e José Geraldo Do C. Salles. “Futebol feminino”, *Atlas do Esporte no Brasil*. www.atlasesportebrasil.org.br/ Web. 7 abr. 2014.
- Nunes, João. “A bicicleta de Neto”. *As mãos do Pelé e outros contos de futebol*. Campinas, São Paulo: Pontes, 2006. Impresso.
- Pagano, Mabel. *Mujeres con pelotas: cuentos inspirados en el fútbol*. Org. Mabel Pagano. Buenos Aires: Deldragón, 2010. Impresso.
- . “Tiempo cumplido”. *Mujeres con pelotas: cuentos inspirados en el fútbol*. Org. Mabel Pagano. Buenos Aires: Deldragón, 2010. Impresso.
- Rodríguez, María Graciela. “The Place of Women”. *The International Journal of the History of Sport* 22.2 (2005): 231-245. Impresso.
- Van Steen, Edla. “Que horas são?” Moreira da Costa, Flávio. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. Impresso.

Verolín, Irma. “El campeón del Atlantic Sportmen”. *Mujeres con pelotas: cuentos inspirados en el fútbol*. Org. Mabel Pagano. Buenos Aires: Deldragón, 2010. Impreso.